

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Rosemeire de Assis Borges Santos¹

Úrsula Conceição Santos de Jesus²

RESUMO

A alfabetização na escola do campo tem como ponto principal as práticas inclusivas que valorizem os diferentes percursos e conhecimentos. Bem como o direito de alfabetizar e o acesso à cultura escrita. Fazendo uma reflexão sobre a importância da diversificação das atividades das formas de agrupamentos dos alunos e do acompanhamento das aprendizagens das crianças, assim como acerca da (re) organização do ensino a elas proposto. As professoras das classes multisseriadas da educação do campo enfrentam muitos desafios principalmente no momento de alfabetizar seus alunos. Desta forma busca trabalhar com experiências científicas, atividades diferenciadas e intervenções para cada nível de aprendizagem. Por isso a prática pedagógica na perspectiva do letramento deve fazer com que o educando perceba as inúmeras maneiras de utilizar a escrita para vários objetivos, partindo do letramento que estão no seu próprio cotidiano. Neste sentido, a escola necessita garantir a todos os educandos a vivência de práticas reais de leitura e produção diversificada diariamente. Tanto quanto a alfabetização, o letramento dos alunos é importante para a conquista da cidadania.

Palavras-chave: Alfabetizar. Aprendizagens. Educação do Campo.

ABSTRACT

Literacy in the rural school has as its main point the inclusive practices that value the different paths and knowledge. As well as the right to literacy and access to written culture. Reflecting on the importance of the diversification of the activities of the forms of grouping of students and the monitoring of the children's learning, as well as about the (re-) organization of the teaching proposed to them. The teachers of the multisserious classes of the education of the field face many challenges mainly in the moment of alphabetizing its students. According to Freire (1996, p. 14), "the importance of the role of the educator, the merit of peace with which he lives, is

1. Licenciatura em Pedagogia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias. Faculdade de Artes do Paraná: Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Faculdade Batista Brasileira: Especialização em Gestão Educacional.

2. Licenciatura em Pedagogia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias. Faculdade de Educação Montenegro: Especialização em Gestão Escolar com ênfase em Coordenação Pedagógica. Faculdade Batista Brasileira: Especialização em Gestão Educacional.

certain that it is part of his teaching task not only to teach the contents , But also to teach to think right ". Therefore, the pedagogical practice in the perspective of literacy should make the learner realize the innumerable ways of using the writing for various purposes, starting from the literacy that are in their own daily life. In this sense, the school needs to guarantee to all learners the experience of real reading and production practices diversified daily. As much as the literacy, the literacy of the students is important for the conquest of the citizenship.

Keywords: Literacy. Learning. Field Education.

INTRODUÇÃO

O aluno do campo precisa ser alfabetizado e ter seus letramentos desenvolvidos, como os alunos do meio urbano, pois a leitura e a escrita darão acesso à sua história, à elaboração de sua identidade e à compreensão dos fatos que as cercam. Nesse âmbito, a alfabetização e o letramento são instrumentos imprescindíveis à cidadania e à formação independente do público a que compete à escola atender. Falar, ouvir, escrever é essencial em nossa relação com o mundo. E a linguagem é a ferramenta cultural que utilizamos para esta inter-relação.

A alfabetização não é um processo espontâneo, é preciso ter ações planejadas com objetivos pré-determinados. E o professor tem condições suficientes para fornecer informações e propor ações que permitam aos seus alunos o domínio da língua escrita, bem como atividades significativas para os diferentes momentos deste percurso. Para Freire (1996, p.14) "{...} percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo"

Acreditamos que é possível criança de oito anos desenvolverem as habilidades de ler e escrever, isso significa repensar o projeto pedagógico das escolas, a estrutura do currículo, ou seja, exige redefinição dos conhecimentos e capacidade a serem ensinados numa perspectiva voltada para a aprendizagem dos alunos.

Por isso a alfabetização até os oito anos de idade pode significar um convívio mais frequente e mais intenso com textos impressos ampliando assim, seu tempo de aprendizagem desses conhecimentos. Para que isso ocorra, é importante

que a escola proporcione aos alunos o contato com diferentes gêneros e suportes de textos escritos.

Por essa razão que o professor deve ter um olhar diferenciado para o aluno, pois ele é um ser pensante, que sente, age, constrói, transforma, assim deve ter um olhar voltado para si mesmo e para a realidade.

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo-criança ou adulto tenham acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita em todas as funções em que ela tem em nossa sociedade, também como instrumento de luta pela conquista da cidadania (SOARES, 1990, p.17).

À medida que o aluno é exposto a situações nas quais ler ou escrever são centrais para as interações, ele vai se apropriando, pouco a pouco, de recursos e estratégias de construção do discurso, presentes nos textos escritos que lê ou produz. Tais saberes, paulatinamente, passam a integrar o modo como ele produz seus textos oralmente. Isso porque o processo de escolarização exige dos aprendizes a familiarização com práticas de letramento.

Vygotsky (1993) nos permite afirmar que é na infância que se inicia o desenvolvimento dos processos que resultam na formação dos conceitos, processos estes que, no decorrer do ensino-aprendizagem do aluno, irão contribuir para o aprimoramento de suas funções intelectuais básicas, levando-o a ampliarem cada vez mais o seu potencial de aprendizagem, contribuindo para operacionalizações intelectuais, mas complexas que vão para além de sua realidade imediata.

O trabalho desenvolvido em sala de aula considera o aluno como sujeito ativo de seu processo de alfabetização. Ao longo desse processo o aluno está constantemente elaborando hipóteses, conflitando seus conhecimentos com os dos colegas. E as práticas que permitem que os alunos pensem sobre como se escreve determinado texto ou palavra contribuem para que eles formulem hipóteses e colaborem para a formação do sujeito nos processos de aquisição da leitura e da escrita. Tendo como ponto de partida o desenvolvimento de um trabalho pautado na ideia de que, para além de ensinar, a necessidade de alfabetizar.

O professor com a sua prática deve desenvolver um diálogo construído através das relações entre ele e o aluno, num clima onde deve haver vez e voz entre ambos. Havendo a valorização das falas, observações e comentários a respeito do

trabalho de alfabetização, para que o aluno tenha avanço no seu aprendizado. É através da fala que se descobre o que já conhece, sabe das suas dificuldades e constrói um ambiente com trocas de experiências e saberes que darão significado para a alfabetização.

Essas práticas de letramento estão associadas a diferentes domínios da atividade humana, que envolvem valores, atitudes, sentimentos e relações sociais. Por essa razão é que o aluno deve constituir como sujeito capaz de interagir oralmente com situações formais. E na Educação do Campo é preciso valorizar essa oralidade que compõem esse mosaico humano como os grupos: indígenas, quilombolas, grupos diversos que habitam no próprio campo ou distantes dele.

À medida que esse aluno vai se apropriando da leitura e da escrita vai aprendendo a produzir textos escritos que vêm embasados por escrita em que alimenta essa mesma oralidade, que modifica com o decorrer do processo no ciclo de aprendizagem.

Desde cedo o aluno quando adentra a escola já traz essas marcas que precisa ser reconhecida e valorizada para que compreenda o ambiente onde vive e a escola como responsável por essa ação fazendo da sala de aula um espaço de conhecimento, saberes, experiências aliadas aos conhecimentos produzidos pela sociedade.

Dessa forma o processo de aprendizagem deve ser marcado pelo diálogo entre o professor e aluno, para que por meio deste sejam não só trabalhados os conteúdos, mas que tenham uma conexão com o cotidiano e possam se constituir enquanto instrumento de transformação de sua realidade.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CAMPO

A Educação do Campo tem suas características próprias por isso precisa de uma organização pedagógica específica, para que ocorra uma educação de qualidade nos mais variados campos pelo território brasileiro.

No Brasil há vários conceitos em relação ao letramento para considerar os processos que levam os alunos ao domínio da leitura e da escrita. E para considerar uma pessoa alfabetizada é preciso ir além de ler e escrever, e sim que compreenda e aprenda através da aquisição dos aspectos da língua em seus usos sociais. Tanto a alfabetização quanto o letramento não pode ser trabalhado individualmente, pois

ambos acontecem por meios de processos em que a alfabetização ocorre através do desenvolvimento das habilidades da leitura e da escrita voltadas para as práticas sociais que englobam a escrita e o letramento como meio de uso social da leitura e da escrita.

E a escola como agente transmissor desse letramento para a sociedade, e a mesma tem o papel de selecionar algumas práticas de letramento consideradas como ponto principal na formação escolar do aluno.

Para Tfouni (2002) a alfabetização consiste na aquisição da escrita, entendida como a aprendizagem de habilidade para leitura e escrita em práticas de linguagem efetivas em situações sociais definidas. Assim a alfabetização está relacionada ao ensino formal da manifestação gráfica de leitura e escrita, destinada à aprendizagem e ao desenvolvimento do aluno.

Sendo que aprender a utilizar a leitura e a escrita exige uma parceria construída culturalmente a partir do mundo escrito no qual o aluno vive, já que são habilidades que devem ser ensinadas.

Uma criança que vive num contexto de letramento, que convive com livros, que ouve histórias lidas por adultos, que vêem adultos lendo e escrevendo, cultiva e exerce práticas de leitura e de escrita: toma um livro e finge que está lendo (...), toma papel e lápis e “escreve” uma carta, uma história. Ainda não aprendeu a ler e escrever, mas é de certa forma, *letrada*, tem já certo nível de letramento.

Da mesma forma que é possível ter certo nível de letramento e não ser alfabetizado, um indivíduo pode ser alfabetizado, mas não ter um bom nível de letramento. É capaz de ler e escrever, porém, não possui habilidades para práticas que envolvem a leitura e a escrita: não lêem revistas, jornais, receitas de médico, bulas de remédio etc., ou seja, apresenta grande dificuldade para interpretar textos lidos, como também, pode não ser capaz de escrever uma carta ou bilhete.

Freitas (2002) vem ressaltar a importância da educação como um instrumento para a construção de uma sociedade que entenda da classe trabalhadora, de trabalhadores iguais, não o que perpetua que os detentores das formas de produção expropriem aqueles que servem.

Narkompros sugere como forma de trabalho usado no processo de alfabetização e letramento das crianças do campo que as mesmas devem estudar todas as disciplinas, passeando, colecionando, desenhando, fotografando,

modelando, fazendo colagens, observando plantas e animais, criando e cuidando deles: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Física e Química, Botânica e Zoologia, todas as matérias de ensino não somente admitem método de ensino criativo e ativo, mas exigem-nos.

É importante destacar que letramento não é um método. A discussão do letramento surge sempre envolvida no conceito de alfabetização, o que tem levado a uma inadequada e imprópria síntese dos dois conceitos, com prevalência do conceito de letramento sobre o de alfabetização. Não podemos separar os dois processos, pois a princípio, o estudo do aluno no universo da escrita se dá ao mesmo tempo por meio desses dois processos: a *alfabetização*, e pelo desenvolvimento de habilidades da leitura e da escrita, o *letramento*.

Diante disso, qual o papel do professor na formação não só de alfabetizados, como também de letrados? Como alfabetizar letrando? Se a educação é um processo contínuo, que só termina com a morte do indivíduo, como então fazer com que esse indivíduo sempre se interesse pelas práticas de leitura e de escrita? Como ajudá-lo a viver numa sociedade grafocêntrica?

Cabe ao professor mostrar aos alunos uma pluralidade de discurso. Trabalhar com diferentes textos possibilita ao professor fazer uma abordagem mais consciente das variadas formas de uso da língua. Assim, ele pode transformar a sua sala de aula num espaço de descobertas e construção de conhecimentos.

Destacamos que letrar não é apenas função do professor de Língua Portuguesa, mas a todas as áreas de conhecimento, em todas as disciplinas, os alunos aprendem através de práticas de leitura e de escrita: em História, em Geografia, em Ciências, mesmo em Matemática, enfim, em todas as disciplinas, os alunos aprendem lendo, interpretando e escrevendo.

Letrar é função de todos os professores, mesmo porque, em cada área de conhecimento, a escrita e a leitura têm peculiaridades, que só os mesmos que nela atuam é que conhecem e dominam.

Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), as crianças elaboram conhecimentos sobre a leitura e escrita, passando por diferentes hipóteses – espontâneas e provisórias – até se apropriar de toda a complexidade da língua escrita.

É importante no processo de alfabetização que a metodologia leve em consideração o contato do aluno com diferentes fontes textuais para que a criança

manipule, reproduza, crie diferentes gêneros e possibilite a mesma no seu letramento, criando situações de uso real e significativo de leitura e escrita e dessa forma utilizar a língua escrita em diversos contextos sociais.

Diante disso, na medida em que o educador tomar consciência de sua posição política, articulando conteúdos significativos a uma prática também significativa, desvinculando-se da função tradicional de mero transmissor de conteúdos e, conseqüentemente, de mero repetidor de exercícios do livro didático estará transformando o ensino da leitura e da escrita. Um educador como mediador, partindo da observação da realidade para, em seguida, propor respostas diante dela estará contribuindo para a formação de pessoas críticas e participativas na sociedade.

O avanço da globalização tem possibilitado aos indivíduos um contato bem mais amplo com situações que favorecem o letramento. A escola por sua vez precisa investir nesses recursos para que os alunos sejam alfabetizados mantendo esse vínculo entre o processo de alfabetização e seu contexto social.

Assim, tornou-se necessário definir, objetivamente, o que deverá ser ensinado sobre a leitura e a escrita e de que forma organizar esse ensino em cada ano do Ciclo de Alfabetização. Isso significa que é necessário rever práticas ainda contraditórias no campo da alfabetização e tentar superar a permanente nostalgia em relação a práticas do passado. É necessário, portanto, alargar as concepções e conhecimentos.

Ao atuar neste campo, o profissional deve conhecer o processo de alfabetização e letramento, para poder analisar, refletir e possibilitar práticas e ambientes de aprendizado estimulante, desenvolvendo no aluno as competências da leitura e escrita necessárias para a vida em sociedade. Para alfabetizar e letrar as crianças do campo, é necessário que leve em consideração o seu meio, e que a escrita se inicia a partir de sua própria história, fortalecendo assim a sua identidade e favorecendo a apropriação de seus conhecimentos, considerando-se o seu meio social e o grupo em que pertence.

Sabendo que o aluno deve ter acesso a diversos repertórios de saberes que venha possibilitar o desenvolvimento das habilidades necessárias para o ano em curso, situando-o em um ambiente com atividades lúdicas, e favorecendo a eles a aprendizagem, além de codificar e decodificar os símbolos matemáticos e a realização de leitura de mundo. Sendo assim a atribuição do professor alfabetizador

é assegurar que o aluno seja capaz de interagir por meio de texto escrito em diferentes situações. De acordo com Teberosky (2003) acreditar que o aluno pode aprender é a melhor atitude de um professor para chegar a um resultado positivo em termos de alfabetização. Logo, o professor alfabetizador tem que estar conectado com a evolução e preparado para lidar com o novo, pois os alunos estão chegando mais críticos, carregando uma bagagem de “conhecimento informal” cada vez maior.

Portanto, elaborar uma proposta de alfabetização para as crianças que ingressam na escola pública desde os seis anos de idade significa, também, desconstruir certos mitos sobre a aprendizagem da escrita nessa faixa etária. Assim, tornou-se necessário definir, objetivamente, o que deverá ser ensinado sobre a leitura e a escrita e de que forma organizar esse ensino em cada ano do Ciclo de Alfabetização. Isso significa que é necessário rever práticas ainda contraditórias no campo da alfabetização e tentar superar a permanente nostalgia em relação a práticas do passado. É necessário, portanto, alargar as concepções e conhecimentos.

ALFABETIZAÇÃO UMA QUESTÃO NOSSA

A alfabetização não se dá apenas por meio das letras, mas também pela matemática que possibilita desenvolver as capacidades necessárias à atuação dos alunos num mundo em que acontece transformação.

A prática utilizada para professores alfabetizadores vem sendo cada vez mais decisiva para o aprimoramento da leitura e da escrita, tendo como base sua atuação mediante o âmbito escolar. E o professor como mediador do saber, precisa ter como princípio de sua atuação a ideia de que não é ele sozinho que transmite o conhecimento e a ideia de leitura e escrita, mas sim proporciona aos alunos caminhos possíveis e decisivos.

O professor alfabetizador deve organizar o ambiente de forma que atenda às necessidades de todos, porém nem todos aprendem no mesmo tempo, por isso deve respeitar o tempo de aprendizagem de cada aluno para que alcance os conhecimentos e experiências. Por isso para Magda Soares devemos alfabetizar letrando, porque além de ensinar a ler e escrever também os alunos devem fazer das práticas de leitura do cotidiano um momento para interagir com o que ler e escreve.

O ambiente é alfabetizador quando promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita dando oportunidade aos alunos de participar. Se os alunos desde cedo conviverem com pessoas que utilizem a escrita com certeza vão construir idéias sobre leitura e escrita.

É preciso desenvolver nos alunos o gosto pela leitura, exercitando o hábito de ler e pensar sobre o que se lê em quem somos e o que queremos valorizar. A leitura deve ser vista então como um recurso intelectual que nos permite descobrir, desenvolver, compreender, entrar em contato com sentimentos e emoções.

A experiência com textos variados e de diferentes gêneros é fundamental para a constituição do ambiente alfabetizador, dando oportunidade aos alunos aprenderem sobre linguagem que usará para escrever, de forma a atender às exigências da própria sociedade.

Assim surgem diversos projetos que visam o trabalho específico com a linguagem, seja oral ou escrita, levando em conta as características e função própria do gênero. Com os projetos que podem ser relacionados a outros eixos de trabalho, fazendo uso de registro escrito como recurso de documentação.

Segundo Emília Ferreiro “as crianças não chegam à escola sem saber nada sobre a língua, mas de acordo com a sua teoria elas perpassam por quatro fases até chegar na alfabetização: pré simbólico, silábico alfabético, e finalmente alfabético” Apesar do aluno constitui seu próprio conhecimento, é preciso também que o professor organize atividades que favoreçam a reflexão sobre a escrita.

Para Vygotsky “cada um dá um significado particular as suas vivências. O jeito de cada um aprender o mundo é individual”, ou seja, o desenvolvimento e aprendizado estão ligados entre si, em que o indivíduo só se desenvolve quando aprende. Não adianta colocar um aluno num ambiente se não tiver em contato com pessoas falantes, pois ela não desenvolverá a linguagem oral, do contrário ela se tornará uma leitora. Assim surge a zona que a criança sabe fazer sozinha (o desenvolvimento real) e o que é capaz de realizar com a ajuda de alguém experiente (o desenvolvimento potencia). “Ensinar o que o aluno já sabe é pouco desafiador e ir além do que ela pode aprender é ineficaz. O ideal é partir do que ela domina para ampliar seu conhecimento”. (REGO, 2001).

Então alfabetização e o letramento são processos que garantem a inserção do indivíduo no mundo da escrita, por isso é importante ressaltar a relevância dos processos, estabelecendo rotinas, leitura de diversos livros, textos que venha

contribuir muito com as práticas de ensino. Cada conhecimento adquirido em relação a alfabetizar letrando, matematicamente e cientificamente proporcionou grandes descobertas e aprendizados significativos e também se torna pessoas abertas ao conhecimento com sede de serem eternos aprendizes. Vale ressaltar que apenas com o conhecimento da realidade multissérie é que se poderá realizar uma ação pedagógica que alcance os resultados esperados, essas especificidades, segundo Rosa (2008, p.224) “exigem do educador saberes necessários para se trabalhar com a diversidade”. Pois o professor da classe multisseriada além de ensinar conhece a realidade do aluno, de sua família, bem como aprendem mais de acordo a seu ritmo.

É preciso incentivar o aluno aprender com coisas que lhes são significativas, pois assim chegará ao conhecimento prévio. Ao aprender a usar a linguagem para planejar uma ação futura, a criança consegue ir além das experiências imediatas.

Será necessário envolver a criança de modo que ela se sinta desafiada a descobrir o que precisaria fazer quando a proposta é aberta.

ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA

A atividade desenvolvida com a alfabetização matemática também traz uma contribuição bastante importante para o espaço escolar. Pois os alunos vivenciam no dia a dia tudo o que se refere a matemática, desde a data de nascimento, idade, número da casa e ainda os horários que realiza atividades escolares. Também os jogos como estratégias de aprendizagem, facilitando a forma de ensinar e contribuindo para o aprender.

Atividades sequentes que permitem ao aluno a automatização dos fatos em estudo, fazendo com que o mesmo possa explorar, descobrir para servi-lo na vida prática. E com materiais manipulativos com o objetivo de garantir a compreensão do Sistema de Numeração decimal, as operações, pensamento algébrico, reconhecimento de padrões de sequência numérica interpretando gráficos, reconhecimento do sistema monetário, etc.

O trabalho com alfabetização matemática é desenvolvido através da ludicidade em que envolvem: contagem, medição, orientação, visualização de quantidades etc. Também a escola é responsável por esse processo no sentido em que desenvolvem ações que podem aparecer espontaneamente em atividades ou

brincadeiras que levem a adquirir o conceito de número além de aprender a contar, seriar, fazer correspondência, classificar, nomear, simbolizar e agrupar.

Para Moreno (2006, p. 49), “[...] na interação desenvolvida por um aluno em situação de ensino, ele utiliza seus conhecimentos anteriores, submete-os à revisão, modificando-os, rejeita-os ou completa, redefine-os, descobre novos contextos de utilização e, dessa maneira, constrói novas concepções”.

E para ajudar na concretização desse trabalho surge os materiais do programa Pnaic (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) que vem embasado e aborda temas como: organização do trabalho pedagógico; qualificação, registros e agrupamentos; construção do sistema de numeração decimal; operações na resolução de problemas; geometria; grandezas e medidas; educação estatística; saberes matemáticos e outros campos do saber. O ponto principal do Pnaic-matemática é proporcionar uma aprendizagem significativa, com metodologias e experiências didáticas.

Para Freudenthal a “matemática é uma atividade humana” em que a melhor forma de aprender uma atividade é praticá-la, e essas atividades lúdicas e desafiadoras contribui para que o aluno se interesse pela matemática, levando-o a pensar matematicamente diante de situações extraclasse.

Por essa razão é que o objetivo do ensino de matemática é desenvolver o pensamento matemático do aluno, para que sejam capazes de resolver problemas. Sendo que o raciocínio matemático pode estar em situações simples ou desafiadoras.

Portanto, o professor é responsável pela mediação e planejamento do trabalho em sala de aula, favorecendo ao aluno condições de aprendizagem com diferentes saberes.

CONCLUSÃO

Para que a educação do campo atenda às pessoas do campo, no campo é necessária uma educação que preze pela apropriação da leitura e da escrita e que permita o acesso do aluno às experiências históricas e culturais deixadas pelas gerações anteriores. Sendo que essas experiências serão utilizadas para a formação de um novo momento histórico, em que os alunos do campo, que são os que vivem no campo e dele sobrevivem, possam construir suas práticas de leitura e

escrita com o objetivo de desenvolver de suas realidades, à formação e identidade do aluno do campo.

Sendo assim, a aprendizagem não depende apenas do indivíduo, mas do meio, dos estímulos que recebe na infância e do respeito à sua história de vida. Por isso é que se deve trabalhar aspectos importantes da cidadania e o respeito aos grupos sociais aos quais os alunos pertencem.

Entretanto, reconhecer a importância da escola na vida do aluno contribuindo para sua formação tornando-o um sujeito crítico e participativo, e também com o trabalho voltado para a linguagem. E a escola constituindo-se como um espaço de interação de conhecimentos advindos das diversas áreas.

Áreas essas que contribuem para o desenvolvimento do domínio da linguagem, nos aspectos da leitura, escrita e também oralidade. No entanto saber ler e escrever vai muito além do domínio da tecnologia da escrita, envolve interações entre leitores e escritores, fazendo com que atribua sentido o que está lendo.

Alfabetizar é um ato de conhecimento no qual aprender ler já não é memorizar palavras, sílabas ou frases, mas refletir criticamente sobre como se dar o processo da leitura e da escrita, e sobre o profundo significado da linguagem como afirma Paulo Freire.

Outro momento que ajuda muito no processo de alfabetização é a ludicidade, em que através dos jogos desenvolvemos várias atividades para trabalhar as habilidades como: a oralidade, a percepção e a leitura.

Respeitando o processo de alfabetização na idade certa os alunos não só conseguirão aprender a ler e escrever, também entenderá seu contexto social. Atualmente o professor tem um novo olhar em relação a aprendizagem dos alunos, entende que cada aluno tem seu tempo, mas cabe ao professor descobrir caminhos para que esse tempo seja de construção para ele desenvolver as habilidades necessárias para a aquisição do processo da leitura e escrita.

Assim o trabalho de alfabetização requer uma prática pedagógica contextualizada, apresentando um sistema de ensino que viabilize o processo de construção de conhecimento mais elaborado, significativo e que desenvolva no aluno uma ação reflexiva diante das situações de leitura e escrita, já que ambas se completam.

Também nos faz ficar atentas sobre nossas ações diante do processo de ensino aprendizagem, considerando e valorizando o conhecimento que o aluno traz,

conhecimento este trazido do convívio da família, da sociedade, com a própria escola.

Compreende-se que o processo de alfabetização vai mais além do que ensinar a ler e escrever, ou seja, ao alfabetizar o professor oferece ao aluno condições para o letramento, oportunizando para o desenvolvimento cada vez mais intenso para as habilidades de leitura e escrita. É importante propor atividades que envolvam a leitura de materiais variados e reais, como jornais, revistas, receitas, dentre outros, bem como promova a escrita constante, várias vezes por dia.

Alfabetizar letrando passa a ser uma obrigação em benefício das transformações socioculturais e tecnológicas da sociedade contemporânea. A necessidade de alfabetizar e letrar surgem então quando se percebe que não agrada mais ao sujeito contemporâneo apenas o domínio do código e as habilidades de utilizá-lo para ler e escrever.

Com base no exposto percebe-se a necessidade de ampliar e investir em propostas pedagógicas que visem não apenas a uma alfabetização restrita ao ensino da decodificação dos sinais gráficos, mas que os alunos se apropriem da linguagem escrita no sentido de fazer uso das habilidades de leitura e escrita como práticas sociais.

Que todos os professores alfabetizadores façam uma articulação entre teoria e prática, de modo que favoreça com melhor qualidade e motivação a aprendizagem dos alunos no ciclo de alfabetização. Acreditamos que através da educação como ferramenta fundamental para construirmos um mundo melhor, e o professor tem um papel importante nesse processo, pois além de ser formador de opiniões e de futuros profissionais, ele deve estar pronto para servir toda a comunidade onde ele está inserido e ajudar no que for preciso para construir um país, mais justo, feliz, solidário, humano e alfabetizado.

Em síntese, podemos concluir que a alfabetização até os oito anos de idade traz uma nova realidade para as práticas de ensino nas séries iniciais essa meta será alcançada de fato, se os professores alfabetizadores se conscientizarem de que as crianças são capazes de aprender. Portanto, é nossa responsabilidade como educadores, assegurar a essas crianças oportunidades de acesso da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Secretaria de Educação Básica.** Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Caderno 2/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional - Brasília: MEC, SEB, 2015

KLEIMAN, A. B. (org.) **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, Mercado das Letras, 1995.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização.** São Paulo, Cortez, 1995.

VIEIRA, Rosane Acedo. **Língua Portuguesa.** Coleção Campo Aberto. Anos 1º, 2º, 3º Anos. Ed.- São Paulo: Global 2014

(Alinhar a esquerda)